

**EU – A PSICANÁLISE
INTRODUÇÃO À TRADUÇÃO
A CASCA E O NÚCLEO (DE NICOLAS ABRAHAM)**

Jacques DERRIDA¹

Tradução de Maria José R. Faria CORACINI²

- **RESUMO:** Com o intuito de apresentar a obra de Abraham intitulada *A casca e o núcleo*, tecem-se considerações em torno da tradução. Afinal, é o que Abraham faz, não apenas quando traduz termos de uma língua para outra, mas quando se serve da palavra no interior da mesma língua. Trata-se da tradução anassêmica que consiste em passar de uma palavra a outra, sem mudar de palavra, fazendo-as transbordarem de sentido. Assim, uma mesma palavra da língua usual, uma vez aspeada, designa o sentido intencional evidenciado pela redução fenomenológica; se grafada com letra maiúscula, remete a um processo de antes do sentido e antes da presença, passando da fenomenologia ao discurso psicanalítico, campo que se situa no solo do impensado da fenomenologia, desta guardando o que não lhe é possível perder. Assim, as palavras prazer, “prazer”, Prazer não têm sentidos diferentes, menos ainda sentidos idênticos ou mesmo análogos; se não são homônimas, são menos ainda sinônimas. Prisioneira de sua própria contradição, a tradução teria como tarefa (im)possível traduzir em discurso o que lhe escapa por essência, ou seja, o não-discurso, o intraduzível e o inapresentável.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Tradução anassêmica; Nicolas Abraham; psicanálise; fenomenologia.

1 Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales – 75006 – Paris – França.

2 Departamento de Linguística Aplicada – Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp – 13083-970 – Campinas – SP. coracini@iel.unicamp.br

Introduzo – eu(me)³ – aqui a uma tradução...

É de tradução que Nicolas Abraham fala simultaneamente, e não apenas quando ele se serve da palavra, da tradução de uma língua para a outra (com palavras estrangeiras) e mesmo no seio de uma mesma língua (com as “mesmas” palavras mudando repentinamente de sentido, transbordando de sentido e até mesmo o sentido, e, no entanto, impassíveis, idênticas a si mesmas, imperturbáveis, permitindo ainda que se leia, no novo código dessa tradução anassêmica, aquilo que teria sido necessário da outra palavra, o mesmo, antes da psicanálise, outra língua que se serve das mesmas palavras impondo-lhes uma “mudança semântica radical”). Falando simultaneamente da tradução em todos os sentidos e além ou aquém do sentido, traduzindo simultaneamente o velho conceito de tradução na língua da psicanálise, Nicolas Abraham falará a vocês também da língua materna e de tudo o que se diz ainda da mãe, da criança, do falo, de toda essa “pseudologia” que submete tal discurso sobre o Édipo, sobre a castração, a denegação e a lei etc. a uma “teoria de criança”.

Mas, se Abraham parece *falar* dessas coisas arqui antigas, não é apenas para delas propor uma nova “exegese”, para decifrá-las ou desconstituir-lhes o sentido, para reconduzir em seguida, segundo as novas vias da anassemia e da anti-semântica, a um processo de antes do sentido e antes da presença. É também para introduzir vocês no código que permitirá traduzir a língua da psicanálise, essa nova língua que altera radicalmente as palavras, as mesmas palavras, as da língua usual de que ela ainda se serve e que ela traduz nela mesma, para uma língua totalmente diferente; então, entre o texto que traduz e o texto traduzido, nada aparentemente teria mudado e, no entanto, não mais haveria entre eles senão relações de homonímia! Mas, como veremos, de uma homonímia incomparavelmente outra. O mesmo ocorre, portanto, com os conceitos de sentido, de língua e de tradução. E falando da língua psicanalítica, da necessidade de ser traduzida de outro modo, Abraham fornece a regra para a leitura de *A casca e o núcleo*: dele pouco se compreenderá se esse texto não for lido como ele mesmo ensina a ler, levando em conta a “anti-semântica escandalosa”, a “dos conceitos des-significados pela virtude do contexto psicanalítico”. Esse

3 Em francês: *J'introduis ici – moi – à une traduction* joga com, ao menos, dois sentidos do pronome “moi” – mero reforço de “je” (eu) e pronome reflexivo (a mim) – e do verbo “introduire” – apresentar e introduzir. Assim, ao mesmo tempo que o autor introduz ou apresenta uma tradução, ele se introduz sub-repticiamente na tradução e se apresenta a uma tradução. (N. T.)

texto deve, pois, ser decifrado com a ajuda do código que ele mesmo propõe e que pertence à sua própria escritura.

Ora, supostamente esperam que introduza – eu(me)⁴ – a uma tradução, a primeira certamente em inglês, de um ensaio maior de Nicolas Abraham. Eu deveria, pois, apagar-me no limiar e, para facilitar a leitura, limitar os obstáculos de tradução que teriam a ver com a minha escritura ou com o idioma de meu *habitus* lingüístico. Que seja. Mas, como fazer com relação ao que pertence à própria língua?

Eu, por exemplo.

Como sempre ocorre com uma língua, é a aliança de um limite com um acaso.

Em francês, diferentemente do *Ich* alemão e do *I* inglês, *moi*⁵ cai como uma luva no sujeito que diz *je* (“eu, eu [*moi, je*] digo, traduzo, introduzo, conduzo... etc.”) e naquele que se toma, se deixa ou faz tomar por objeto (“toma-me [*moi*], por exemplo, como eu [*je*] sou” ou “traduza-me, conduza-me, introduza-me⁶ etc.”). Uma luva, através da qual, até mesmo, eu *me* toco, ou os meus dedos, *como se* eu estivesse a *mim* mesmo [*moi-même*] presente no contato. Mas, *je-me* [*eu-me*] pode em francês⁷ ser declinado de outro modo: por exemplo, “Eu me lembro”, “Eu me divirto”,⁸ “Eu me agrado” etc.

A aparência desse “como se” não é um fenômeno qualquer. “*Entre o ‘eu’ e o ‘me’*”, o capítulo assim intitulado coloca um “hiato”, aquele que, separando “eu” e “me”, escapa à reflexividade fenomenológica, à autoridade da presença a si e a tudo o que ela comanda. Esse hiato da não-presença a si condiciona o sentido do qual a fenomenologia extrai seu tema, mas ele próprio não é nem um sentido nem uma presença. “Quanto ao campo da psicanálise, ele se situa precisamente nesse solo de *impensado* da fenomenologia”. Se eu cito esta frase, não é apenas para marcar uma etapa essencial no trajeto do texto, o momento em que é preciso mesmo se perguntar “como incluir num discurso, seja ele qual for, aquilo mesmo que, por ser sua condição, lhe escaparia por essência?”. E logo em seguida: “Se a não-presença, núcleo e razão

4 Valem aqui as mesmas observações da primeira nota do tradutor. (N. T.)

5 Convém lembrar que o francês tem duas formas para o pronome de primeira pessoa “moi” e “je”, o primeiro servindo de reforço ou ênfase para o segundo. (N. T.)

6 Em francês: “traduis-moi, conduis-moi, introduis-moi... etc.”. (N. T.)

7 E em português, também. (N. T.)

8 Em francês: “je me moque” é também pronominal. Em vez de “eu caçoo”, preferi traduzir, em português, por “eu me divirto” para manter o pronome. (N. T.)

última de todo discurso, se faz palavra, pode ela – *ou deve ela* – fazer-se entender em e pela presença a si? Assim aparece a situação paradoxal inerente à problemática psicanalítica”. A questão diz respeito mesmo à tradução, à transposição num discurso de sua própria condição. Isso já é muito difícil de se pensar, pois o discurso *que traduz assim sua própria condição* estará ainda condicionado e faltará nessa medida a seu fim bem como a seu início. Mas essa tradução será ainda mais estranha: ela *terá de* traduzir em discurso o que “lhe escaparia por essência!”, a saber o não-discurso, dito de outro modo, o intraduzível. E o inapresentável. Esse *inapresentável*, que é preciso pelo discurso traduzir em presença sem nada trair dessa estrutura, Abraham denomina “núcleo”. Por quê? Deixemos essa pergunta em repouso.

Se eu citei essa frase é também para lembrar que o *hiato* reproduz também necessariamente um intervalo, o momento de um salto no trajeto de Nicolas Abraham ele mesmo. Ele mesmo, isto é, na relação a si, o *eu-me* de sua própria busca: em primeiro lugar, tão profunda quanto possível, uma abordagem original aliando as questões de tipo psicanalítico e de tipo fenomenológico num campo em que não se aventuravam nem os fenomenólogos nem os psicanalistas. Todos os ensaios anteriores a 1968, data de *A casca e o núcleo*, guardam dessa abordagem um vestígio ainda muito produtivo. Penso em particular nas *Reflexões fenomenológicas sobre as implicações estruturais e genéticas da psicanálise* (1959); no *Símbolo ou o além do fenômeno* (1961). Todos esses textos se acham agora reunidos no volume que traz o título de *A casca e o núcleo* (1978). Eles circundam ou envolvem o ensaio de 1968 (poder-se-á chamá-lo homônimo) e permitiriam a um enfoque teleológico ver se anunciarem todas as transformações futuras já nesses primeiros ensaios. E não seria injustificado. Mas, por volta de 1968, a necessidade de *um corte*, espaço de jogo e ao mesmo tempo de articulação, marca uma nova relação da psicanálise com a fenomenologia, uma nova “lógica” e uma nova “estrutura” dessa relação. Elas afetarão tanto a idéia de sistema estrutural quanto os cânones de “lógica” em geral. Disso tem-se um indicio explícito no fim do ensaio de 1968, quando acaba de ser feita a demonstração de que os “conceitos-chave da psicanálise” “não se curvam às normas da lógica formal: eles não se referem a nenhum objeto ou coleção de objetos, eles não têm, em sentido estrito, nem extensão nem compreensão”.

Em 1968, portanto, novo rumo, novo programa de pesquisas, mas o percurso anterior terá sido indispensável. Nenhuma leitura poderá doravante prescindir dessas premissas.

Apesar de toda a fecundidade, apesar do rigor do questionamento fenomenológico, uma ruptura se impõe e ela é óbvia, uma espécie de reviravolta estranha, a conversão de uma “conversão” que revoluciona tudo. Uma Nota do capítulo “*Entre o ‘eu’ e o ‘me’*” situa o “contra-senso” de Husserl “com relação ao Inconsciente”. *Esse tipo de contra-senso* é essencial e permite ler o hiato que nos interessa: Husserl compreendeu o Inconsciente a partir da *experiência*, do *sentido*, da *presença*, como “o esquecimento de experiências outrora conscientes”. Será preciso pensar o Inconsciente subtraindo-o exatamente àquilo que ele torna possível, a toda essa axiomática fenomenológica do sentido e da presença.

A fronteira, muito singular com efeito, já que ela vai dividir dois territórios absolutamente heterogêneos, situa-se doravante entre dois tipos de “conversa semântica”: aquela que opera no interior do sentido, para fazê-lo aparecer e guardá-lo, marca-se na tradução discursiva pelas aspas fenomenológicas: a mesma palavra, a da língua usual, uma vez aspeada, designa o sentido intencional evidenciado pela redução fenomenológica e todos os procedimentos que a acompanham. A outra conversão, aquela que a psicanálise opera, é absolutamente heterogênea com relação à precedente. Ela a supõe num certo sentido, já que ela não pode ser compreendida corretamente sem ter ido até o fim, e da maneira mais conseqüente possível, do projeto fenomenológico (desse ponto de vista também o método de Nicolas Abraham me parece exemplarmente necessário). Mas, inversamente, ela dá acesso ao que condiciona a fenomenalidade do sentido, a partir de uma instância a-semântica. A origem do sentido não é aqui um sentido originário, mas pré-originário, se assim se pode dizer. Se assim se pode dizer, e para dizer, o discurso psicanalítico, usando ainda as mesmas palavras – tanto as da língua usual quanto as da fenomenologia colocadas entre aspas – cita-as uma vez mais para dizer coisa bem diferente, e outra coisa que não tenha a ver com o sentido. É esta segunda conversão que assinalam as maiúsculas com as quais os tradutores franceses justamente dotaram as noções metapsicológicas; e é ainda um fenômeno de tradução que serve aqui de indicio revelador para Abraham. Podemos reconhecer desde já a singularidade do que se chama aqui tradução: ela pode operar no interior da mesma língua, no sentido lingüístico da identidade. No interior do *mesmo* sistema lingüístico, o francês por exemplo, a mesma palavra, por exemplo “prazer”, pode ser *traduzida* em si mesma e, sem realmente “mudar” de sentido, passar para uma outra língua, a mesma língua, no entanto, em que a alteração terá sido

total *quer* na língua fenomenológica e entre aspas a “mesma” palavra funcione de outra forma que na língua “natural”, mas *dele* revele o sentido noetoconoemático, *quer* na língua psicanalítica a própria suspensão seja suspensa e que a mesma palavra se encontre traduzida num código em que ela não *tenha* mais sentido, no qual, tornando por exemplo possível o que se sente ou se entende por prazer, o prazer não signifique mais “o que se sente”. (Freud, em *Para além do princípio do prazer*, refere-se a um prazer vivido como sofrimento e *foi certamente* necessário tirar a conseqüência rigorosa de uma afirmação tão escandalosamente insustentável para a lógica clássica, para a filosofia, para o sentido comum, bem como para a fenomenologia). Passar da palavra prazer na língua usual, ao “prazer” do discurso fenomenológico, em seguida ao “Prazer” da teoria psicanalítica, é proceder a traduções insólitas. Trata-se mesmo de traduções, já que se passa de uma língua a outra e já que é mesmo uma certa identidade (ou não-alteração semântica) que efetua esse *trajeto*, que se deixa *transportar* ou *transportar*. Mas é a única analogia com aquilo que se chama usual ou fenomenologicamente “tradução”. E toda a dificuldade provém dessa “analogia”, palavra que seria necessário submeter a si mesma à transformação anassêmica. Com efeito, a “tradução” em questão não passa, na verdade, de uma língua natural a outra: é de fato a mesma palavra (prazer) que se reconhece nos três casos. Dizer que se trata de um homônimo não seria um erro, mas esse “homônimo” não tem como efeito designar, por sua própria forma, sentidos diferentes. Não são sentidos diferentes, menos ainda sentidos idênticos, ou até mesmo análogos, e se as três palavras escritas de forma diferente (prazer, “prazer”, Prazer) não são homônimas, são menos ainda sinônimas. A última delas excede a ordem do sentido, da presença e da significação e “essa des-significação psicanalítica *precede* a própria possibilidade da colisão dos sentidos”. Precessão que deve também se *entender*, e eu diria ainda se traduzir, segundo a relação de anassemia. Esta remonta à fonte e mais *acima* que ela a fonte, à fonte pré-ordinária e pré-semântica do sentido. A tradução anassêmica não concerne às trocas entre significações, significantes e significados, mas entre a ordem da significação e o que, tornando-a possível, deve ainda ser traduzido na língua do que ela torna possível, aí ser retomada, reinvestida, reinterpretada. É essa necessidade que assinalam as maiúsculas da metapsicologia traduzida em francês.

O que vem a ser, portanto, anasemia? e a “figura” que terá parecido a mais “própria”⁹ a traduzir sua necessidade, será uma “figura” e o que legitima sua “propriedade”?

Eu deveria parar aqui, deixar agora trabalhar o tradutor e deixar vocês lerem.

Mais uma palavrinha no entanto...

DERRIDA, J. I – The Psychoanalysis – introduction to the French translation of *The Shell and the Kernel* (by Nicolas Abraham). *Alfa (São Paulo)*, v.44, n.esp., p.189-195, 2000.

- **ABSTRACT:** *Aiming to introduce Nicolas Abraham's *The Shell and the Kernel*, considerations on translation are presented. After all, that is what Abraham does, not only when he translates words from a language into another, but also when he uses the word within the same language. It is the anasemic translation, which consists in shifting from a word to another, without changing the word, making them overflow with meaning. Thus, the same word from the usual language, when put into quotation marks, indicates the intentional meaning made evident through phenomenological reduction; if it is written in with a capital letter, it leads to a process occurring before the meaning and before the presence, moving from phenomenology to the psychoanalytic discourse, a field situated on the unthinkable grounds of phenomenology, keeping from it what it cannot lose. Thus, the words pleasure, “pleasure”, Pleasure do not present different meanings, not even identical or analogous meanings; they are not homonyms, much less synonyms. A prisoner of its own contradiction, translation would have, as a(n) (im)possible task, “to translate into discourse that which essentially slips from it, that is, the non-discourse, the untranslatable and the unrepresentable.*
- **KEYWORDS:** *Anasemic translation; Nicolas Abraham; psychoanalysis; phenomenology.*

9 Em francês: “propre” significa ao mesmo tempo própria e limpa, efeito de sentido que escapa ao português. (N. T.)